

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA  
MESTRADO EM PSICANÁLISE

**TRAUMA E MEMÓRIA** – uma leitura psicanalítica sobre resistência e testemunho  
em Primo Levi

**BIBIANA MASSEM HOMERCHER**

ORIENTADORA: Profa. Dra. MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO

Porto Alegre, dezembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA  
MESTRADO EM PSICANÁLISE

**TRAUMA E MEMÓRIA** – uma leitura psicanalítica sobre resistência e testemunho  
em Primo Levi

**BIBIANA MASSEM HOMERCHER**

ORIENTADORA: Profa. Dra. MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Psicanálise do Programa de  
Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e  
Cultura da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre em  
Psicanálise.

Porto Alegre, dezembro de 2023

### ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos oito dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às 14h, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora para a sessão de defesa da dissertação intitulada *"TRAUMA E MEMÓRIA- uma leitura psicanalítica sobre resistência e testemunho em Primo Levi"*, de autoria do(a) mestrando(a) BIBIANA MASSEM HOMERCHER, sob a orientação da professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. A Banca Examinadora foi composta pelas examinadoras Profa. Dra. Maria Isabel de Andrade Fortes (PPG Psicologia Clínica/ PUC Rio), Dra. Regina Herzog de Oliveira (Professora Associada aposentada do PPG Teoria Psicanalítica/ UFRJ) e Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian (PPGCLIC/UFRGS). Após a apresentação do(a) mestrando(a), a Banca procedeu à arguição. A dissertação foi **APROVADA** pela Banca Examinadora. O parecer conclusivo foi lido pelo(a) orientador(a). Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h15, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelo(a) orientador(a). Porto Alegre, 08 de dezembro de 2023.



Documento assinado digitalmente  
MÔNICA REIDRICH KOTHER MACEDO  
Data: 09/12/2023 12:03:13-0300  
Verifique em: <https://verificar.br.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo - Presidente da Banca:

Profa. Dra. Maria Isabel de Andrade Fortes (PUC Rio)

Dra. Regina Herzog de Oliveira (UFRJ):

Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian (UFRGS):

### PARECER CONCLUSIVO SOBRE DISSERTAÇÃO:

APROVADA

APROVADA COM CORREÇÕES

NÃO APROVADA

A Banca destaca a escrita de muita densidade e qualidade, o texto bem estruturado que alia rigor com fluidez, atendendo, dessa forma, todos os requisitos para sua aprovação. A Banca valoriza, também, a destreza com que a mestranda faz a abordagem interdisciplinar em sua pesquisa. Recomenda-se, fortemente, que a dissertação possa se desdobrar em publicações bem como enfatiza-se a sequência de estudos em um doutorado.

## AGRADECIMENTOS

Sonhar é um ato íntimo, individual e subjetivo. O ato de sonhar é a submersão do sujeito em si mesmo. Apesar disso, cada sonho, representado por imagens e/ou palavras, apresenta inúmeros significados, é polissêmico, multifacetado e recebe influências, tanto da realidade psíquica do sonhador, como de suas vivências do mundo exterior. O sonho, mesmo na sua solitude, tem um aspecto social, é enviesado por inúmeros fatores, circunstâncias e pessoas.

A escrita se assemelha ao sonho, pois também tem seu caráter particular, solitário, entretanto, é tecido por ideias, pensamentos, criações, sonhos, e inspirada por pessoas. Assim, a escrita desta dissertação foi (des)construída não só pela pesquisadora.

Inicialmente, gostaria de agradecer à orientadora, Mônica Medeiros Kother Macedo. Com seu olhar atento e sua escuta sensível, aventurou-se na submersão desta pesquisa. Reverberou inquietações com suas indagações, produziu, em conjunto, esse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em especial, ao grupo docente, que, por intermédio das aulas, discussões e provocações, contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Isaura e David, que não mediram esforços para investir nos meus estudos e, principalmente, acreditaram nos meus sonhos.

Aos meus irmãos, Marcelo e Gabriel, pelo carinho e apreço.

Ao meu namorado Luis Ricardo, quando a aridez da escrita parecia submergir, ele impulsionava-me a continuar.

Assim, mesmo na submersão do terror dos tempos difíceis, esta pesquisa é sobre sonhar, escrever e resistir.

## EPÍGRAFE

*25 de fevereiro de 1944*

*Queria acreditar em algo além,*

*Além da morte que a desfez.*

*Queria poder dizer a força*

*Com que outrora desejamos,*

*Nós, já submersos,*

*Poder mais uma vez juntos*

*Caminhar livremente sob o sol.*

*9 de janeiro de 1946*

*Mil sóis, Primo Levi, 2019, p. 21*

*Tudo era silêncio, como um aquário e como em certas cenas de sonhos. Teríamos esperado algo mais apocalíptico, mas eles pareciam simples guardas. Isso deixava-nos desconcertados, desarmados.*

*É Isto um Homem, Primo Levi,*

*1947/1988, p. 21*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	
<b>CAPÍTULO 1: Percorrido metapsicológico: o trabalho da memória e enlaces com o trauma</b> .....	
<b>1.1 O trabalho inicial de Freud sobre memória e dor</b> .....	
<b>1.2 Do narcisismo à pulsão de morte: para além da representação</b> .....	
<b>1.3 Tecendo laços entre psicanálise e literatura: excesso, criação e narrativa</b> .....	
<b>1.4 Ressonâncias da catástrofe: a literatura de testemunho e a escrita de Primo Levi</b> .....	
<b>CAPÍTULO 2: Do fio de Ariadne ao percurso metodológico</b> .....	
<b>CAPÍTULO 3: O desvelamento da crueldade e os impactos na existência do sujeito.</b> .....	
<b>CAPÍTULO 4: Sonhos apesar de tudo</b> .....	
<b>CAPÍTULO 5: Escrever para não esquecer: dar crédito ao trauma, à memória, e à criação</b> .....	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	

## RESUMO

Esta dissertação retrata uma pesquisa que explorou temáticas pertinentes à literatura de testemunho, desde uma perspectiva que a situa como relevante convocatória à reflexão sobre a força de resistência subjetiva frente ao efeito devastador do traumático. Buscou-se privilegiar a leitura psicanalítica sobre trauma e memória na aproximação com a literatura de testemunho, mais especialmente, com a produção de Primo Levi. Para tal, foram escolhidas três obras do autor: “É Isto um Homem?”, “A Trégua” e “Os Afogados e os Sobreviventes”. A partir do delineamento metodológico da leitura desconstrutiva foram propostos de três capítulos: O desvelamento da crueldade e os impactos na existência do sujeito; Sonhos apesar de tudo e Escrever para não esquecer: dar crédito ao trauma, à memória, e à criação. Considera-se o testemunho como uma modalidade fundamental de criação subjetiva cuja potência de seus desdobramentos reside na resistência frente ao horror e crueldade próprias ao campo do traumático.

**Palavras-Chaves:** holocausto; literatura de testemunho; memória; psicanálise.

## ABSTRACT

This dissertation explores themes pertinent to testimonial literature, from a perspective that situates it as a relevant call to reflection on the strength of subjective resistance in the face of the devastating effect of trauma. It was sought to privilege the psychoanalytic reading of trauma and memory in approaching testimonial literature, especially with the production of Primo Levi. To do so, three works by the author were chosen: *If This Is a Man*, *The Truce* and *The Drowned and the Survivors*. Based on the methodological outline of the deconstruction reading, three reflective chapters were proposed: The unveiling of cruelty: the impacts on the subject's existence; Dreams despite everything and Writing so as not to forget: giving credit to trauma, memory, and creation. Testimony is a fundamental modality of the subjective creation whose power of its consequences resides in the resistance to the horror and the cruelty typical of the traumatic field.

**Keywords:** holocaust; testimonial literature; memory; psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado, intitulada *Trauma e memória – uma leitura psicanalítica sobre resistência e testemunho em Primo Levi*, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa Psicanálise: Psiquismo, Subjetividade e Pesquisa, coordenado pela professora doutora Mônica Medeiros Kother Macedo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise - Clínica e Cultura (PPGCLIC) mais, especificamente, à Linha de Pesquisa Psicanálise e Cultura, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Essa dissertação está vinculada ao** Projeto Maior Projeto Maior “Trauma (im)possibilidades de suas vicissitudes” coordenado pela professora doutora Mônica Medeiros Kother Macedo. Esta pesquisa teve seu início a partir da entrada da mestrandia no referido grupo de pesquisa. As investigações desenvolvidas neste estudo foram pautadas na psicanálise e seu arcabouço metapsicológico, propondo enlaces à literatura de testemunho, mais especificamente, à obra de Primo Levi, privilegiando as temáticas da memória e do trauma. Assim, esta dissertação dedicou-se à exploração de temáticas referentes às (im)possibilidades de narrar o trauma, bem como problematizações ancoradas na literatura de testemunho, desde uma perspectiva que a situa como força de resistência frente ao efeito devastador do traumático.

Sigmund Freud, desde o início da criação da psicanálise, desenvolveu uma escrita cujas formulações teóricas se deram a partir de inquietações geradas na experiência clínica (Moraes & Macedo, 2011). Desta forma, na modalidade investigativa que põe em movimento, direciona paulatinamente seu interesse à investigação sobre sofrimentos psíquicos excluídos do âmbito médico, por não apresentarem claramente uma causa orgânica para os sintomas manifestados (Freud, 1896/1996b). Por meio de assertivas e impasses, Freud foi delineando (des)caminhos e inaugurando a psicanálise, uma nova ciência, situada para além dos discursos científicos veementes de sua época, como, por exemplo, o positivismo (Birman, 2016). Também cabe destacar que Freud mantinha diálogos e reconhecia as contribuições advindas de diversos campos científicos, tais como a biologia, a filosofia, a literatura e a sociologia, construindo enlaces e costuras entre a clínica e a cultura (Iannini & Tavares, 2021).

No manuscrito *Caminhos da Terapia Psicanalítica*, Freud (1919/2017) assegurou a importância do não fechamento do saber psicanalítico e da disposição de admitir, quando necessário, a incompletude do conhecimento obtido. Essas afirmativas permitem reconhecer a abertura da psicanálise às transformações e aos tensionamentos advindos de

diferentes contextos. Tanto o enfrentamento como o reconhecimento desses desafios e impasses foram, e seguem sendo, essenciais para que a psicanálise se distancie de concepções dogmáticas.

Segundo Iannini e Santiago (2020), o que Freud colocou em questão no texto *Caminhos da Terapia Psicanalítica* é a premissa ética da psicanálise, convocando, de certa forma, uma percepção mais apurada da mesma no âmbito da cultura. Nesse sentido, a psicanálise não é configurada como um saber racional, lógico e totalizante, uma vez que nela a produção de interrogantes sobre o humano não se esgota. A verdade, pelo viés psicanalítico, não está dada: é uma construção constante que se depara com a dimensão da ignorância, a qual remete à presença do inconsciente (Moraes & Macedo, 2011).

A problematização da existência humana é colocada em questão pela psicanálise, uma vez que se reconhece a complexidade presente na relação do sujeito com as produções da cultura. Em seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2020c, p. 137) afirma que toda “a psicologia individual é, também, de início, simultaneamente psicologia social”. Nesse viés, a clínica e a cultura não estão dissociadas na forma como são abordadas no texto freudiano. Em importantes ensaios, tais como *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921/2020c), *O Futuro de uma Ilusão* (Freud, 1927/2020d), e *O Mal-Estar na Cultura* (Freud, 1930/2020e), entre outros manuscritos, o legado freudiano fornece elementos indispensáveis para a reflexão da indissociabilidade entre sujeito e cultura.

Em escritos freudianos anteriores ao período entre as duas Grandes Guerras, tais como *A Moral Sexual “Cultural” e a Doença Nervosa Moderna* (Freud, 1908/2020a) e *Considerações Contemporâneas sobre a Guerra e a Morte* (Freud, 1915/2020b), a complexidade inerente à interação entre sujeito e cultura já se fazia presente. O ensaio *A Moral Sexual “Cultural” e a Doença Nervosa Moderna* (Freud, 1908/2020a) apresenta uma leitura contundente sobre os efeitos civilizatórios e repressores sobre a sexualidade e a produção de padecimento psíquico. Assim, a dita “moral sexual” não seria natural, mas, sim, uma reverberação da cultura.

No manuscrito *Considerações Contemporâneas sobre a Guerra e a Morte*, Freud (1915/2020b) discorreu sobre as neuroses de guerra e a forma como essas ilustravam os efeitos devastadores no psiquismo e na cultura decorrentes da destrutividade humana. Freud (1915/2020b) asseverou que o estrangeiro, aparentemente aceito por determinado povo, pode transformar-se rapidamente em objeto de ódio e hostilidade frente aos impasses bélicos. Tais considerações permitem constatar o quanto “a guerra rompe os

laços da comunidade entre povos combatentes e ameaça legar um rancor que, durante muito tempo, tornará impossível uma reconciliação” (Freud, 1915/2020b, p. 104).

Em vista disso, a interpretação freudiana da cultura não foi simplesmente uma aplicação da psicanálise, mas um reconhecimento dos atravessamentos dos conflitos e problemáticas sociais e do quanto esses movimentos questionam a própria psicanálise. Essas modificações reverberaram no aprimoramento teórico e no próprio manejo clínico.

Desse modo, partir das considerações a respeito da relação entre psicanálise, clínica e cultura foi uma questão central para os argumentos desenvolvidos nessa dissertação, no que diz respeito à concepção de trauma em psicanálise. Constata-se que a noção de trauma, no delineamento inicial freudiano, decorreu da tentativa de identificar a etiologia do padecimento histórico. Assim, a partir de um longo percurso histórico, com fundamentais transformações teóricas e técnicas, a definição de trauma paulatinamente distanciou-se do destaque inicial à cena de sedução de uma criança por um adulto, para transitar nos meandros da fantasia e da realidade psíquica.

Cabe destacar, porém, que nos tempos iniciais a leitura freudiana sobre o trauma já se desenvolve em associação a seus estudos sobre a memória. Tempos depois, o trauma reaparece na teoria como importante temática de investigação frente ao reconhecimento de efeitos e demandas clínicas provocadas, por exemplo, pelo cenário de guerra e de destruição. Destaca-se, portanto, que a conceitualização sobre o trauma em psicanálise alude sempre aos inegáveis efeitos no psiquismo, adentrando em um campo para além de uma visão de causa e efeito (Moraes & Macedo, 2011). Nesta dissertação foram enfatizados os desdobramentos da leitura sobre o trauma proposta e consolidada na virada de 1920.

Nessa direção, o texto freudiano *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2021) dá testemunho das ampliações teóricas e técnicas que já vinham se apresentando no *corpus* psicanalítico. Atento às configurações de novos padecimentos psíquicos decorrentes da cruel experiência da Primeira Grande Guerra, Freud (1920/2021) estudava as neuroses de guerra e as neuroses traumáticas, padecimentos relevantes para as ressignificações na teoria e na clínica na consideração aos efeitos do excesso traumático no psiquismo.

As concepções da pulsão de morte e da compulsão à repetição, elementos centrais na vigência daquilo que se encontra além do princípio de prazer (até então consolidado nas elaborações teóricas), provocou reações diversas na comunidade psicanalítica (Iannini & Tavares, 2021). Freud não se furtou a nomear, na virada de 1920, os entraves

teóricos e clínicos próprios da extrema conexão do pulsional com a destrutividade (Kegler & Macedo, 2016). Suas proposições sobre o traumático e a pulsão de morte, alicerçadas nas reflexões sobre a guerra, a violência e a destrutividade humana (Gondar, 2020), causaram discordâncias entre seus pares.

Método, teoria e técnica sofrem, portanto, efeitos importantes decorrentes dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos. As experiências relativas às complexas forças em jogo ressoam na escuta da clínica e nas modificações no *setting* analítico. Torna-se cada vez mais evidente o fato de que guerras, crises econômicas, pandemias, transições culturais, revoluções políticas, entre outras situações, afetam drasticamente o cenário teórico e clínico (Homercher & Iensen, 2020).

Na intenção de refletir sobre os acontecimentos históricos, pode-se destacar a ocorrência de diversas catástrofes, desde desastres naturais até aquelas ocasionadas pela manifestação indelével da crueldade humana. O termo *catástrofe* tem origem grega que significa “virada para baixo”, também apresentando outras traduções como “desabamento” e/ou “desastre” (Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000).

Nesse sentido, catástrofe alude a um evento que ocasiona um *trauma*, vocábulo cuja etimologia grega, significa *ferida* (Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000). A partir desta associação entre catástrofe e trauma, compreende-se que o evento catastrófico não é assimilado, deixando marcas indeléveis (Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000). Assim, catástrofe, trauma e memória se relacionam em histórias que não são capturadas pelo discurso nem pelo pensamento, pois estão atreladas à dimensão do irrepresentável (Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000).

Há determinados eventos que, tais como os genocídios, em virtude de seu abrupto impacto e por expressarem extrema crueldade humana, são considerados catástrofes. Muitos *genocídios* marcaram a história e aconteceram muito antes da sua nomeação, pois o vocábulo data apenas de 1944 (Valente, 2015). Inicialmente, identificam-se os genocídios contra povos indígenas e negros em decorrência da colonização e da escravização, situações que deixaram marcas que reverberam até hoje na cultura (Palmquist, 2018). Ao longo do século XX, muitos genocídios aconteceram em governos autoritários contra povos considerados “inferiores” (Vezneyan, 2009).

Antes do holocausto judeu, a Alemanha já havia realizado um genocídio por questões raciais no sudoeste africano alemão, que atualmente é a Namíbia, ocasionada pela Alemanha Imperial nos anos de 1904 até 1907 (Vezneyan, 2009). Muitos africanos

morreram por patologias causadas pela falta de saneamento básico e cerca de 64 mil vítimas foram massacradas, cerca de 80% da população (Vezneyan, 2009).

Outro genocídio realizado por um império foi contra os armênios, de 1915 até 1918 (Vezneyan, 2009). O antigo Império Otomano, localizado na Turquia, era uma potência central caracterizada por uma identidade muçulmana que marginalizava armênios, cristãos ortodoxos e não turcos (Vezneyan, 2009). Como a Armênia era um território na divisa com a Rússia, à qual o Império Otomano declara guerra a partir da Primeira Guerra, este se utilizou da aproximação entre armênios e russos como estratégia para dizimar milhares daqueles, tendo ocorrido entre 1,1 e 1,8 milhão de mortes (Vezneyan, 2009).

Entre os anos de 1932 e 1933, aconteceu na União Soviética sob Stálin uma grande fome ucraniana, nomeada como Holodomor. Estima-se que, neste período, 7 milhões de pessoas faleceram com as crises de fome e violência produzidas pelo governo soviético (Vezneyan, 2009). Dessarte, entre 1933 e 1945 ocorreu o Holocausto nazista (Vezneyan, 2009). Apesar do enfoque do partido nazista no extermínio judeu, diversos grupos de oposição ao regime hitlerista, como ciganos, eslavos, esquerdistas, deficientes, afro-germânicos e homens homossexuais tiveram o mesmo destino (Vezneyan, 2009). Cerca de 6 milhões de judeus, 500 mil ciganos, 250 mil deficientes e 1,5 mil homens homossexuais foram mortos (Vezneyan, 2009).

Cabe salientar que nem todos os genocídios, violências ocasionadas por estados totalitários e ditaduras, tiveram o devido reconhecimento e destaque no campo social, pois ainda se perpetuam silenciamentos, descréditos e denegações. De certo modo, o diferencial do Holocausto nazista é a sua legitimação, sua preservação na memória social, apesar de, conforme Danowski (2022), existir um grupo de “profissionais da negação”, mais conhecido como “negacionistas”

que advogavam e ainda advogam a revisão da história dos campos de extermínio da Alemanha nazista, dizendo por exemplo que as “supostas” câmaras de gás de Auschwitz não eram câmaras de gás mas *bunkers*, ou que eram câmaras de gás mas não serviam para matar pessoas, e sim piolhos, ou que o número de judeus mortos durante a guerra tem sido propositalmente exagerado, ou que tudo é um complô, ou que foram os próprios judeus que trouxeram para si mesmos essa catástrofe e que ela é apenas a realização de um destino. (p. 110-111)

Nesta investigação, reconhecendo-se a dramaticidade de tais ocorrências, buscou-se estudar e aproximar a escrita de um autor que viveu o Holocausto nazista à leitura

psicanalítica sobre as noções de trauma, memória e testemunho. Foi observado que os elementos traumáticos presentes na escrita de Primo Levi, objeto de estudo nesta dissertação, resguardadas as especificidades de suas experiências, constituem relevante testemunho e alerta para a inegável crueldade direcionada a diversas populações em períodos distintos da história.

A Shoah é um evento-limite de magnitude catastrófica que não é capturado pela imaginação, sendo sucumbida a um excesso de real que impossibilita o sujeito a atribuir um sentido naquilo que experiencia (Seligmann-Silva, 1999). O Holocausto denuncia a crueldade gerada pelo totalitarismo nazista em pleno século XX, na qual um Estado organiza uma máquina mortífera contra um povo (Seligmann-Silva, 1999).

É nesse âmbito catastrófico, que circula entre a literalidade e a ficcionalidade, que a literatura de testemunho emerge como uma tentativa do sobrevivente traduzir em palavras a experiência traumática (Seligmann-Silva, 1999). Assim, a dimensão da catástrofe é revelada na literatura de testemunho, uma vez que ela trata daquilo que é inassimilável, em que o testemunho, desde o princípio, é colocado entre a necessidade e a impossibilidade na narrativa (Seligmann-Silva, 1999). Nessa direção, Gondar (2020) salienta que “a articulação entre psicanálise e literatura de testemunho termina por tencionar diversas noções ou ideias que se transformaram em lugares-comuns na psicanálise” (p. 20).

A relação entre psicanálise e literatura é presente na obra freudiana. No manuscrito *O Poeta e o Fantasiar*, Freud (1908/2018) faz uma relação entre o brincar infantil e a criação poética, constatando que a brincadeira na vida adulta corresponde à fantasia. Aproximando a psicanálise da literatura de testemunho, Felman (2000) afirma que o trabalho psicanalítico acontece por meio do recolhimento de testemunhas de seus pacientes. Dessa forma, segundo a autora, assim como sucede na vivência analítica, a literatura de testemunho não é um relato totalizador dos acontecimentos, mas um ato de fala, uma prática discursiva que se contrapõe à pura e simples teoria.

Um dos principais autores que escreveu sobre o horror do campo de concentração nazista é o italiano, químico, judeu e sobrevivente do Holocausto, mais especificamente, Monowitz-Buna, Primo Levi (Felipe, 2022; Macêdo, 2014). Não se limitando apenas a escritos testemunhais, Levi também circula em diversos cenários, desde a ficção até a poesia (Felipe, 2022; Macêdo, 2014). Apesar disso, seu percurso literário iniciou pela necessidade de escrever sobre a experiência traumática do Holocausto, prezando a clareza, a precisão e o cuidado ético, marcas singulares de suas narrativas (Felipe, 2022).

Esta investigação teve, portanto, o intuito de realizar uma pesquisa teórica na qual foi problematizada a noção de trauma em psicanálise no diálogo com a literatura de testemunho. Buscou-se privilegiar a relação entre trauma e memória, a fim de viabilizar uma aproximação com a literatura de testemunho, mais especialmente, a de Primo Levi. Para tal, foram escolhidas três obras do autor: *É Isto um Homem?* (1947/1988), *A Trégua* (1963/2010), e *Os Afogados e os Sobreviventes* (1986/2016).

As três obras foram escolhidas não apenas pelo seu caráter testemunhal, mas, também por contemplarem três temporalidades distintas na vida do sobrevivente Levi. A primeira obra, *É Isto um Homem?* Levi (1947/1988), abarca não só uma denúncia, mas sua explícita necessidade de escrever sobre a realidade sórdida dos campos de concentração nazistas. Em *A Trégua*, é retratado por Levi (1963/2010) o momento pós-guerra, pós-Auschwitz, sendo que, mesmo após a libertação, a sensação que advém no sobrevivente é ambígua, pois existe um longo caminho a fim de que possa, novamente, identificar-se como ser humano. Por último, a obra *Os Afogados e os Sobreviventes*, enuncia um retorno, quarenta anos depois do Holocausto, no qual Levi (1986/2016), demonstra que, apesar de a memória ser um instrumento falaz, o evento traumático é um passado constantemente presente.

A sequência dos capítulos desenvolvidos na dissertação descreve a trajetória da pesquisa realizada. O **Capítulo 1**, *Percorrido metapsicológico: o trabalho da memória e enlaces com o trauma*, está subdividido em tópicos que permitiram contemplar os estudos de Freud sobre memória, dor, narcisismo e pulsão de morte, além de suas relações com os aspectos traumáticos. Também, este capítulo aborda a relação entre psicanálise e literatura, bem como a referência à literatura de testemunho e algumas obras testemunhais de Primo Levi.

O **Capítulo 2**, intitulado *Do fio de Ariadne ao percorrido metodológico*, contempla o arcabouço metodológico que fundamentou a pesquisa: uma investigação pautada na leitura desconstrutiva com uma escrita ensaística. Os capítulos seguintes, ou seja, o **Capítulo 3**, *O desvelamento da crueldade e os impactos na existência do sujeito*; o **Capítulo 4**, *Sonhos apesar de tudo*; e o **Capítulo 5**, *Escrever para não esquecer: dar crédito ao trauma, à memória, e à criação*, decorrem e atendem ao objetivo geral da dissertação. Neles, a partir do delineamento metodológico escolhido, são apresentadas as diferentes leituras decorrentes da problematização das concepções de trauma e de memória no diálogo com as obras escolhidas de Primo Levi.

## 2. DO FIO DE ARIADNE AO PERCORRIDO METODOLÓGICO

Na mitologia grega, o fio de Ariadne é o que conduz Teseu em sua jornada pelos caminhos tortuosos do Labirinto de Minos, para poder enfrentar o Minotauro (Bulfinch, 2002). O método na pesquisa psicanalítica é como o fio de Ariadne. Esse fio é a guia do pesquisador no percorrido de desbravar o desconhecido e inquietante do fenômeno que deseja investigar. O método é o fio que dita o caminho a ser percorrido, operando como fundamental costura entre o desejo do pesquisador e o desenvolver de sua aproximação do objeto de pesquisa.

A psicanálise tem uma forma singular de empreender um processo investigativo. A interpretação e a construção são elementos centrais nas possibilidades de o analista operar diante da investigação que se dá ancorada na escuta do analisando. O conceito de construção, arquitetado por Freud no manuscrito *Construções em Análise* (1937/1996d), amplia as possibilidades de interpretação no *setting* analítico. O analista fundamenta-se naquilo que o analisando comunica na sessão, constrói (semelhante ao arqueólogo, que reconstrói artefatos a partir dos escombros) o trabalho analítico pela relação transferencial, através dos fragmentos, das lembranças e das associações do analisando (Freud, 1937/1996d).

Na pesquisa psicanalítica, principalmente naquela em que se utiliza obras literárias como disparadoras de suas costuras/articulações, o conceito de *construção* delineado por Freud no trabalho clínico adquire um interessante e amplificado sentido. Birman (1994) ressalta que a interpretação em psicanálise pode levar a uma ideia de “especulação” e, até mesmo, ter uma conotação de “delírio na teoria”, por isso Freud tem uma preocupação com o rigor científico em suas referências teóricas, na medida em que menciona a importância da verificação empírica.

Para Birman (1994) a concepção de *construção* no discurso psicanalítico se defronta com a arbitrariedade do intérprete presente em sua especificidade. Segundo o autor, a arbitrariedade da interpretação traça um limite essencial na representação empirista do saber psicanalítico. Em outras palavras, a construção abre uma possibilidade, distinguindo-se, portanto, da interpretação, que faz um fechamento de determinada pontuação (Birman, 1994).

Nessa direção, identifica-se uma proximidade argumentativa entre a construção com um tipo de leitura, proposta por Figueiredo (1999) como *leitura desconstrutiva*.

Trata-se, segundo o autor, de um trabalho que difere tanto da interpretação clássica como também da modalidade de leitura “sistemática”

A partir da referência à interpretação como um recurso de “desvendar o sentido do texto”, Figueiredo (1999, p. 9) desenvolve importantes argumentos sobre outro tipo de leitura, denominado de *leitura sistemática*, na qual se busca “de forma clara, concisa e justificada o que seriam as ‘teses’ do texto” (p. 18). Apesar de reconhecer a validade de tal modalidade de leitura, destaca-se o fato identificado pelo autor no sentido de que ela pode deixar passar em branco “o movimento de sentido que não chega a se fixar em ‘teses’ e que, ao contrário, lança permanentemente as ‘teses’ para além e para aquém de si mesmas” (p. 18). O valor da leitura desconstrutiva reside, portanto, em se mover nas direções abertas pelos elementos heterogêneos do texto, dando “voz e eficácia aos elementos de desconstrução já em atividade silenciosa no texto” (p. 20).

Na modalidade dupla de leitura, cria-se um intervalo entre as intenções do autor e seus produtos não intencionais. Tal intervalo aponta tanto para a homogeneidade perseguida e construída pela leitura sistemática quanto para as heterogeneidades que a leitura desconstrutiva desvela (Figueiredo, 1999).

É possível realizar um paralelo entre a leitura próxima desconstrutiva com a definição intrincada do termo derrideano “desconstrução”. O sentido que Derrida (1974/1998) atribui para desconstrução está além dos valores já inseridos em suas inúmeras e diferentes conceituações. Para o filósofo, a desconstrução não é nem uma análise, nem uma crítica (Derrida, 1974/1998; Meneses, 2013; Rodrigues, 2004). A desconstrução não está reduzida a um instrumento metodológico, nem a uma interpretação psicanalítica, uma filosofia e, muito menos, a uma doutrina, mas se aproxima de uma inversão, uma estratégia especial de reparar nos recortes que não são percebidos em uma leitura tradicional (Derrida, 1974/1998; Meneses, 2013; Rodrigues, 2004).

Desconstrução para Derrida, não é exatamente uma antítese de construção, mas uma tentativa de reorganizar variedades heterogêneas discursivas do pensamento ocidental (Derrida, 1974/1998; Meneses, 2013; Rodrigues, 2004). A proposta é não relacionar desconstrução a uma operação negativa, a um desmantelamento, uma desestruturação ou demolição, mas identificá-la como algo que se situa no intermediário, uma posição que está dentro/fora, que envolve as impossibilidades de se estar totalmente dentro ou plenamente fora (Derrida, 1974/1998; Meneses, 2013; Rodrigues, 2004).

A pesquisa psicanalítica é norteadada pelo manejo da transferência, que, da mesma forma que é instrumentalizada no âmbito analítico, também é usada pelo pesquisador na

construção de um texto (Moreira, Oliveira & Costa, 2018). Assim sendo, o método em psicanálise não extingue o sujeito, como acontece em métodos científicos fundamentados na ciência positivista e cartesiana (Moreira, Oliveira & Costa, 2018). Pelo contrário, o discurso científico que sustenta a psicanálise está atrelado ao sujeito do inconsciente, sendo o olhar do pesquisador que dá borda para o objeto de pesquisa (Moreira, Oliveira & Costa, 2018).

Nesta dissertação, o intuito é tecer construções teóricas entre a concepção de trauma em psicanálise (com destaque para as proposições freudianas sobre trauma e memória) e os elementos presentes na obra de Primo Levi. Por se tratar de um estudo teórico sobre trauma, memória e testemunho, amparado por escritos literários, há um cuidado para que não seja sobreposta a teoria à obra (Figueiredo, 1999). Como foi apresentado, a interpretação pode ter um atributo, para aquele que a utiliza, de comprovar suas próprias teorias, de realizar uma conclusão e dar um desfecho para seu próprio sistema (Figueiredo, 1999).

Assim, uma vez que esta pesquisa tem como objetivo explorar a leitura psicanalítica sobre trauma e memória na tessitura com a obra de Primo Levi, a leitura desconstrutiva é tomada como fio de Ariadne, que guia o pesquisador na sua jornada labiríntica na construção da pesquisa acadêmica. Atravessar a complexidade dessa temática não poderia prescindir do relato daquele que, efetivamente, experienciou a trágica conexão do traumático com os efeitos devastadores sobre a memória e a subjetividade.

Sendo assim, as obras de Primo Levi, exploradas nesta dissertação, operam como disparadores potentes na problematização das proposições psicanalíticas referentes à memória e ao trauma em psicanálise. Reconhecendo-se a impossibilidade de explorar a totalidade da obra de Primo Levi, foram escolhidas três livros – *É Isto um Homem?*, *A Trégua*, e *Os Afogados e os Sobreviventes* – a fim de atender o objetivo desta pesquisa.

A primeira obra, *É Isto um Homem?* (1947), expõe o cenário devastador do trauma, o excesso de crueldade, destrutividade e indiferença. Na segunda obra, *A Trégua* (1963), desvela-se o contexto da guerra, o sentimento ambíguo da libertação e os sonhos dos sobreviventes. Na terceira e última obra, *Os Afogados e os Sobreviventes* (1986), o autor aborda o retorno aos campos de concentração. Trata-se de um livro reflexivo sobre a violência e a memória, ainda intensamente presentes quarenta anos depois da Shoah.

Como afirma Figueiredo (1999) a leitura desconstrutiva é a abertura do encontro com a alteridade do e no texto e, para isso, o leitor precisa estar atento às “fraturas”, às

“frestas”, que compõe a escrita. Foi possível observar que cada uma das três obras escolhidas de Primo Levi contemplava eixos diferentes para trabalhar seu conteúdo. Esses eixos foram identificados após o trabalho de construção das sínteses temáticas, com fragmentos selecionados em cada uma das três obras. Os trechos escolhidos permitiram uma leitura mais atenta e minuciosa dos escritos de Primo Levi, e possibilitaram o diálogo com a metapsicologia psicanalítica.

Assim, o ponto de partida da pesquisa se deu a partir de cuidadosa e atenta leitura da integralidade das três obras escolhidas. Posteriormente, efetivou-se uma segunda leitura, inspirada da definição de *leitura desconstrutiva* de Figueiredo (1999), visando à identificação de “pontos de abertura” nos textos, que indicassem a possibilidade de uma tessitura da escrita impactante do autor com as leituras realizadas sobre o trauma, memória e literatura de testemunho. Nessa etapa, foi realizada uma marcação de trechos das obras que priorizou a identificação de intervalos, furos, frestas, não intencionalidades na escrita das obras escolhidas. Em outras palavras, buscou-se demarcar o intervalo possível entre o “monocromático” e o “policromático” dos textos.

Como terceiro momento da pesquisa, ocorreu a escrita de reflexões tecidas entre as sínteses elaboradas e a revisão teórica que vinha sendo construída desde a escrita do projeto, o qual teve considerável ampliação a partir de indicações da banca de qualificação. Assim, buscou-se explorar e problematizar associações entre temáticas da escrita de Primo Levi com os objetivos da pesquisa.

Desde o trabalho de desconstrução do texto original em sínteses, buscou-se ampliar o conteúdo explorado por Levi. Foi no intuito de ampliação das conexões entre a obra literária e a teoria, que a dissertação foi sendo escrita. As três obras escolhidas permitiram identificar três tempos diferentes de experiências do escritor. Dessa forma, cada uma delas promoveu singulares questões sobre a memória e o trauma em psicanálise.

A partir do trabalho com as sínteses, foram identificados eixos significativos, tais como crueldade, destrutividade, indiferença, dor, sentimento ambíguo pós-libertação, guerra, sonhos, violência e memória. A identificação desses elementos e a problematização das temáticas que contemplam resultou nos três capítulos seguintes.

A escrita dos capítulos 4, 5 e 6, referentes ao trabalho com as obras de Levi, tiveram como inspiração no delineamento metodológico da leitura desconstrutiva a descrição de *ensaio* proposta por Adorno (2003). Na concepção do autor, o ensaio se aproxima de uma autonomia estética, reconhecendo que a totalidade de algo não deve ser reificada. O ensaio é, portanto, ao mesmo tempo, aberto e fechado em relação ao

pensamento tradicional (Adorno, 2003). A abertura do ensaio se configura por negar qualquer sistemática, porém, cabe considerar que “o ensaio também é mais fechado, porque trabalha enfaticamente na forma de exposição (Adorno, 2003, p. 37).

Segundo Adorno (2003, p. 37), “a consciência da não identidade entre o modo de exposição e a coisa impõe à exposição um esforço sem limites. Apenas nisso o ensaio é semelhante a arte; no resto ele, necessariamente, se aproxima da teoria”. Para o autor, o ensaio propicia que a totalidade emerja de modo parcial, sem que tal integralidade tenha que ser afirmada. Por isso, o ensaio, para Adorno (2003), segue sendo desde os primórdios uma forma de crítica. Assim, espera-se que, na sequência dos capítulos, nas reflexões construídas mediante o trabalho metodológico realizado nesta dissertação, os elementos referentes à concepção de ensaio sejam identificados.

No Capítulo 3, intitulado *O desvelamento da crueldade e os impactos na existência do sujeito*, aborda-se elementos referentes ao excesso traumático, a dor psíquica e física e a crueldade humana vivenciados nos campos de concentração. Ao longo do capítulo, é explorada a incomensurável violência testemunhada por Levi no Lager e seus efeitos indelévels e devastadores. Também é desenvolvida uma reflexão sobre os redutos de resistência e existência do sujeito em um dos cenários mais fúnebres do século XX.

No Capítulo 4, *Sonhos apesar de tudo*, o trabalho de tessitura teórica ocorre a partir dos fragmentos de sonhos escritos por Primo Levi ao longo das três obras escolhidas. A exploração desses sonhos leva ao aprofundamento dos sonhos traumáticos e sua conectividade com possíveis redutos de luta da existência do sujeito psíquico. Dessa forma, a manifestação onírica é pensada como uma tentativa de resistência ao efeito avassalador do traumático.

Por fim, no Capítulo 5, *Escrever para não esquecer: dar crédito ao trauma, à memória, e à criação*, considerações sobre a memória e a narrativa permitem, a partir dos trechos escolhidos de Primo Levi, discorrer sobre a dinâmica da memória e sua conectividade com o esquecimento. Dessarte, também é trabalhada a escrita e o testemunho como um caminho criativo para borderar uma historicização do evento traumático.

Ao longo desses capítulos, as tessituras propostas buscam construir, tendo como ponto central os aportes da psicanálise, também outras costuras interdisciplinares. Buscou-se, portanto, na literatura e na filosofia, outros fios e outros olhares que permitissem o reconhecimento da força vital do testemunho, sua vigência e relevância na

denúncia do trauma e da violência presentes, em suas múltiplas facetas, nas obras de Primo Levi.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do mestrado, em uma disciplina, apresentei um trabalho cujo tema era o traumático em psicanálise a partir do capítulo A Zona Cinzenta, da obra *Os Afogados e os Sobreviventes* de Primo Levi. Após a apresentação, houve alguns questionamentos dos colegas, e um em específico inquietou-me. A pergunta era: “qual o motivo de você escolher estudar isso?”. O desconforto da indagação levou-me a perceber que aquilo que parecia tão óbvio para mim, na verdade, não estava desta forma para meus colegas. Na resposta dada àquela ocasião, não contemplei os motivos subjetivos, profissionais e até mesmo, latentes, pelos quais todo o pesquisador é atravessado. Neste tópico, Considerações Finais, representante do encerramento da escrita de uma dissertação, são esses os nortes de minha escrita.

As inquietações para essa pesquisa originaram-se durante a graduação. Durante o curso de Psicologia, como estagiária, tive a experiência de escutar inúmeras histórias e, ao longo do tempo, observei que certos sofrimentos não advinham apenas de aspectos particulares, intrapsíquicos e singulares, mas eram oriundos de vulnerabilidades sociais como a pobreza e a miséria, nas quais importante desamparo psíquico coincidia com o coletivo. Houve dois campos de estágios que me deixaram marcas importantes, respectivamente, experiências na Unidade Psiquiátrica e na Clínica Escola da Universidade. Mas, afinal, o que essas experiências têm a ver com a motivação para o tema desta dissertação?

Essas experiências profissionais se deram simultaneamente ao meu encontro com a obra de Primo Levi, pois antes de ser psicóloga e pesquisadora, considero-me uma ávida leitora. O encontro com a obra do químico-escritor foi transbordante e inquietante. Por meio da literatura testemunhal, aqui destacada, associada a meus estudos em psicanálise, considero que pude afinar uma escuta mais sensível aos diversos sofrimentos humanos. Assim, construí o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Do traumático ao viver criativo: narrativas sobre psicanálise e Primo Levi* (Homercher, 2019). O artigo do TCC está publicado com esse mesmo título, no volume 42, da revista *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro* (Homercher & Iensen, 2020).

Após a formação em psicologia, trabalhei como psicóloga residente em saúde mental por dois anos. Nessa residência, atuei na escuta de crianças e adolescentes com sofrimento grave e persistente. Cabe salientar que a residência ocorreu ao longo dos dois anos da pandemia de covid-19. Foram dois anos vividos com intensidade, na tentativa de

encontrar alternativas criativas para lidar com o terror, o medo, a dor e as sensações paralisantes ocasionadas pelo cenário social. Essas experiências contribuíram à continuidade de meus estudos sobre o traumático em psicanálise a partir dos escritos de Primo Levi. Escritos atemporais e que desvelam temas não só relacionados à época dos crimes nazistas, mas que seguem aludindo às violências contemporâneas. A entrada no mestrado, sob a orientação da professora doutora Mônica, possibilitou, então, a escrita desta dissertação. Assim, nesse novo contexto, as motivações para a escrita foram ampliadas para uma investigação acerca da leitura psicanalítica das dimensões do trauma, memória e testemunho na obra de Primo Levi.

Em virtude de a pesquisa abranger a escrita literária, foi escolhido o delineamento metodológico da leitura desconstrutiva, conforme proposta por Figueiredo (1999). A leitura desconstrutiva permitiu abordar, ampliar e costurar diálogos interdisciplinares dos testemunhos de Primo Levi com a psicanálise, a literatura, a história e a filosofia. Tal metodologia possibilitou a abertura de “fendas” frente à aproximação do horror do trauma, como tentativa de esboçar condições de “nomeação” para o inominável. O modelo de escrita em forma de ensaio coincide com a proposta da leitura desconstrutiva, pois o intuito não é fechar as “fendas” das questões, mas abri-las, explorá-las e pensar e propor novas questões a partir delas. Mas que “fendas” são essas? Qual a relação com os motivos da temática desta dissertação?

Na tessitura entre as obras de Primo Levi e os aportes da psicanálise sobre as construções referentes ao trauma, memória e literatura, algumas “fendas” geraram indagações, mas, cabe ressaltar, não há intenção de propor respostas apaziguadoras e/ou plenas de certezas. Nessa direção, a obra de Primo Levi convoca a algumas reflexões quanto às fendas provenientes da leitura desconstrutiva, como, por exemplo, *é isto um homem?* Existe trégua para o trauma? Quem são os *sobreviventes*, quem são os *submersos*? Os sobreviventes são, ao mesmo tempo, submersos? Essas indagações foram rico material para a tessitura da dissertação, porém não resultaram em respostas fechadas para essas perguntas. Assim, memória, trauma e escrita compõem a constelação testemunhal de Primo Levi. É inegável que sua escrita dá testemunho de tentativas, de fracassos e de muita dor diante de intensidades cotidianas que não lhe permitiam desconhecer o terror presente nos campos de extermínio. E a psicanálise? Por qual motivo estudar memória, trauma em psicanálise na aproximação à obra do químico-escritor?

Problematizar as concepções da psicanálise cria caminhos para uma melhor compreensão da teoria, mas também permite experienciar àquilo que alude a

desacomodação e a (des)construção dos conceitos. O trauma é um dos temas mais inquietantes na teoria psicanalítica. Da concepção inicial de trauma, Freud parte para os (des)caminhos da fantasia. Mais de vinte anos depois, em função da conjuntura social das guerras, da clínica, das neuroses de guerra e neuroses traumáticas, Freud retorna, não pela repetição do mesmo, mas pela via da repetição diferencial, ao estudo e proposição da pulsão de morte.

Essa pulsão, aniquiladora, destruidora e restauradora, altera a teoria, realiza mudanças profundas na psicanálise, que até hoje continua reverberando movimentos incessantes na clínica e na leitura sobre a cultura. Um conceito que emerge de cenários clínicos-sociais, um conceito que transforma o alcance das possíveis respostas à pergunta: é isto um homem? Um homem que inventa a guerra, um homem que destrói a si mesmo e seus semelhantes, um homem que transpõem os limites do considerado “civilizado”. Constrói bombas, armas e campos de concentração. Pensando os enlaces entre Freud e Primo Levi, ambos foram impelidos a tentar compreender o que é um ser humano diante de cenários devastadores.

Práticas de aniquilamento, de violência, de indiferença e de crueldade tentam dominar os cenários de guerra, mas revelam também as possibilidades humanas de resistência a sucumbir frente a seus efeitos. Por meio dessa força de resistência, se abrem brechas que permitem vislumbrar algum caminho estreito à criação. A literatura de testemunho advém desse cenário, ela é fruto do que existe de mais mortífero, mas é a tentativa de resistência da subjetividade, do ser humano, do sujeito. Narrar é resistir ao indelével, ao traumático. Para Primo Levi, a narrativa pós Auschwitz torna-se uma necessidade: é a sua resistência às impunidades do estado totalitário e sua luta para não deixar a crueldade exercida pelos nazistas sucumbir ao apagamento da história.

É preciso ficar atento aos alertas de Primo Levi quanto à possível repetição do mesmo, a violência e a crueldade mortíferas e indeláveis provocadas pelo Estado Totalitário Nazista. Primo Levi nos convoca a lembrar para não esquecer. Pela escrita, o químico-escritor exerce um reposicionamento subjetivo diante de tais ameaças.

Os capítulos da dissertação foram fruto da leitura (des)construída dos testemunhos de Primo Levi. Buscou-se encontrar, a partir de valiosas brechas por ele identificadas, novos pontos de abertura à memória e ao não esquecimento dessa violência que persiste no tecido social. A partir da escrita, foi possível entender que resistir ao traumático é sair da repetição do idêntico para a possibilidade de uma repetição diferencial. É no encontro dos afetos, das figuras de amizade narradas por Primo Levi no decorrer de seus

testemunhos, que florescem espaços de esperança e vida. Nesse esperar, a escrita torna-se ação. São testemunhos de como os recursos das produções culturais, do inconsciente, mantêm um sujeito operando, sendo os afetos do campo intersubjetivo o avesso do horror, antídotos para a dor e o desespero, sinalizadores de possíveis saídas.

Os sonhos traumáticos, espelhamentos de uma memória não passível de simbolização, elementos configurativos da dinâmica do indelével, mas que, apesar de tudo, expressam algo do singular, uma resistência do sujeito frente às forças tanáticas dos campos de concentração. Mesmo sem representação, o sonho tenta figurar o trauma, traça um bordejamento do mortífero, do “indizível”. Frente à crueldade, à indiferença, à maciça morte, algo do sujeito resiste para não submergir ao trauma.

Ressalta-se, portanto, que o resgate da dimensão da memória não deve ser confundido com cerceamento a uma temporalidade fixada ao passado. Ao contrário, à criação de novos movimentos, é fundamental a preservação daquilo que não deve ser esquecido, dos vários elementos que historizam tanto ao sujeito como a humanidade em geral. Em virtude disso, é essencial ter alguém para escutar aquele que testemunha. Esta dissertação buscou, ao reafirmar o valor e a atualidade das obras de Levi e da leitura psicanalítica sobre trauma e memória, responder, portanto, que não é possível desviar o olhar e a atenção daquilo que alude ao horror da indiferença e da crueldade para com o semelhante.

Para finalizar, reconhecendo as potencialidades inesgotáveis da temática explorada nessa investigação, reafirmo o valor do testemunho como recurso de não submetimento ao impacto avassalador do traumático. Na obra de Primo Levi, a menção a amizade surge como força de Eros no mar dominado por Tanatos:

Uma parte da nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós; por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem. Nós três ficamos em grande parte imunes a isso e por essa razão nos devemos gratidão recíproca. Minha amizade com Charles resistirá ao tempo. (Levi, 1947/1988, p. 253)

Ao encerrar a escrita da dissertação, reconheço, no mergulho empreendido na literatura de testemunho e na psicanálise, forças vitais de resistência e de preservação da memória. Se, como escreve Primo Levi, a imunidade advinda da amizade permitiu a sobrevivência diante da “experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem”, o acolhimento de testemunhos pode suscitar ecos em “novas almas”, impossibilitando a repetição e a atualização do horror.

## REFERÊNCIAS

- Adorno, T.W. (2003). O ensaio como forma. In T.W. Adorno. *Notas de literatura I* (pp. 15-45). Duas Cidades; 34.
- Adorno, T.W. (2008, jan.-abr). O que significa elaborar o passado? *Primeira Versão*, XXI(225), 2-12. [http://www.primeiraversao.unir.br/artigos\\_volumes/225\\_.pdf](http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/225_.pdf)
- Agamben, G. (2008). *O que resta de Aushchwitz? O arquivo e a testemunha*. Boitempo.
- Alighieri, D. (2020). *A Divina Comédia: Inferno*. Principis. Publicado originalmente em 1321.
- Antonello, D.F. (2019, maio-ago.). Testemunhar – um modo de compartilhar o trauma. *Ágora*, XXII(2), 180-189. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019002005>
- Antonello, D.F. (2020). *Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho*. Appris.
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras. Publicado originalmente em 1963.
- Barbosa, M.N.P., & Kupermann, D. (2016). Quem testemunha pelas testemunhas? Traumatismo e sublimação em Primo Levi. *Psicologia USP*, 27(1), 31-40. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150013>
- Barbosa, M.N.P. & Kupermann, D. (2018, jul.-dez.). A perfeição pertence às coisas que se narram, não às que se vivem: elaboração e sublimação em Primo Levi. *Analytica*, 7(13), 218-237. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S231651972018000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S231651972018000200007)
- Barreto, J. (2002). Nota da Tradutora. In J. Derrida. *Torres de Babel* (pp. 7-10). Editora UFMG.

- Bauman, Z. (2003). *Comunidade*. Zahar.
- Bellemin-Noël, J. (1978). *Psicanálise e literatura*. Cultrix.
- Benjamin, W. (1987). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (3a ed. pp. 197-221). Brasiliense. Publicado originalmente em 1936.
- Benjamin, W. (2008). A Tarefa do Tradutor. In L.C. Branco (org). *A Tarefa do Tradutor de Walter Benjamin: Quatro Traduções para o Português* (p. 25-50). Fale/UFMG. Publicado originalmente em 1921.
- Beradt, C. (2022). *Sonhos no Terceiro Reich*. Fósforo.
- Birman, J. (1994). A direção da pesquisa psicanalítica. *Psicanálise, ciência e cultura* (pp. 13-53). Jorge Zahar.
- Birman, J. (2003). *Dor e sofrimento num mundo sem mediação*. Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial, Rio De Janeiro.
- Birman, J. (2009). *Cadernos sobre o mal*. Record.
- Birman, J. (2016). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2021). *Cartografias do Averso: escrita, ficção e estéticas da subjetivação em psicanálise* (2a ed.). Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2022). Holocausto, trauma e testemunho: Semprún e a escrita do testemunho. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (pp. 127-151). PUC-Rio.

- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: desejos de pulsão, desejos do sujeito*. Artes Médicas Sul.
- Bleichmar, S. (2005). Conceptualización de catástrofe social. Límites y encrucijadas. In D. Waisbrot et al. (orgs.). *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. (pp. 35-51). Paidós.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas em la práctica actual*. Paidós.
- Bloch, Y. & Sivan, D. (produtores executivos) (2019). *The devil next door [O monstro ao lado]* (minissérie de televisão). Netflix.
- Cardoso, M.R. (2011). Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(1), 70–82. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000100005>
- Cardoso, M.R. (2016). Apresentação. In M.R. Cardoso (org.). *Excesso e Trauma em Freud: Algumas Figuras* (pp. 13-15). Appris.
- Cardoso, M.R.; Macedo, M.M.K & Zornig, S. (2022). Apresentação. In M.R. Cardoso; M.M.K. Macedo & S. Zornig (orgs.) *Figuras do extremo* (pp. 9-18). Blucher.
- Castiel, S.V. (2015). De que sexualidade falamos? In M. M. K. Macedo (org.). *Neurose: leituras psicanalíticas* (pp. 73-82). Edipucrs.
- Dal Forno, C.; Canabarro, R. de C. dos S. & Macedo, M.M.K. (2022). (Des)subjetivação, migração e refúgio: reflexões psicanalíticas. In M.R. Cardoso; M.M.K. Macedo & S. Zornig (orgs.). *Figuras do extremo* (pp. 85-106). Blucher.
- Danowski, D. (2022). A zona cinzenta da negação ontem e hoje. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (pp. 127-151). PUC-Rio.

- Danziger, L. (2007, out.). Shoah ou holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, 1(1).  
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/985/1094>.
- Derrida, J. (1998). Carta a um amigo japonês (1974). In P. Ottoni (org.). *Tradução: a prática da diferença* (pp. 19-25). Unicamp/Fapesp.
- Derrida, J. (2001a). *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. Escuta.
- Derrida, J. (2001b). *O mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Relume Dumará.
- Derrida, J. (2014). Freud e a cena da escritura. In J. Derrida, *A escritura e a diferença* (pp. 289-338). Perspectiva.
- Didi-Huberman (2017). *Cascas*. 34.
- Didi-Huberman (2020). *Imagens apesar de tudo*. 34.
- Dockhorn, C.N. de B F. & Macedo, M.M.K. (2015). Pulsão: entrelaçamentos entre sujeito, vida e morte. M.M.K. Macedo (org.). *Neurose: leituras psicanalíticas* (pp. 83-112). Edipucrs.
- Felipe, C. V. do A. (2022). Primo Levi e a literatura de testemunho: uma (in)definição. *Locus: Revista de História*, 28(1), 229-244. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.34285>
- Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar. In A. Nastrovski & M. Seligmann-Silva (orgs.). *Catástrofe e representação* (pp. 13-71). Escuta.
- Ferreira, L.M. (2012, jan.-jun.). A interface entre psicanálise e literatura. *Entrelinhas*, 6(1). <https://doi.org/10.4013/1351>

- Figueiredo, L.C.M. (1999). Considerações metodológicas preliminares. In L.C.M. Figueiredo. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (pp. 9-25). Escuta.
- Freud, S. (1986). Carta 69: fragmentos de la correspondência com Fliess (1897). *Cartas a Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Amorrortu.
- Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica (1895). *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. I). Imago.
- Freud, S. (1996b). Carta 52 (1896). *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. I). Imago.
- Freud, S. (1996c). Os instintos e suas vicissitudes (1915). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. XIV). Imago.
- Freud, S. (1996d). Construções em análise (1937). *Moisés e monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (Vol. XXIII). Imago.
- Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia, relato em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Obras Completas (Vol. 10). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo (1914). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas (Vol. 12). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010c). Os instintos e seus destinos (1915). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas (Vol. 12). Companhia das Letras.

- Freud, S. (2010d). Luto e melancolia (1917[1915]). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas (Vol. 12). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id (1923). *O Eu e o Id, 'Autobiografia' e outros textos*. Obras Completas (Vol. 16). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico (1891)*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2014). As pulsões e seus destinos (1915). *As pulsões e seus destinos*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2016a). Carta 52 (1896). *Neurose, psicose e perversão*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2016b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (o caso Dora) e outros textos (1901-1905)*. Obras Completas (Vol. 6). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2017). Caminhos da terapia psicanalítica (1919[1918]). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2018). O poeta e o fantasiar (1908). *Arte, literatura e os artistas* (pp. 53-66). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2019). *Interpretação dos Sonhos (1900)*. Obras Completas (Vol. 4). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2020a). A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna (1908). *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 65-97). Obras incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.

- Freud, S. (2020b). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte (1915). *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 233-297). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2020c). Psicologia das massas e análise do eu (1921). *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 137-232). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2020d). O futuro de uma ilusão (1927). *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 233-297). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2020e). O mal-estar na cultura (1930). *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 299-410). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Freud, S. (2021). Além de princípio de prazer (1920). *Além de princípio de prazer*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Fortes, I. (2012). *A dor Psíquica*. Cia de Freud.
- Furtado, D.B. (2011). Do sim e do não: comentários sobre a denegação. *Reverso*, 33(61), 29-37.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010273952011000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952011000100004&lng=pt&tlng=pt).
- Gagnebin, J.M. (2008). Apresentação. In G. Agamben, *O que resta de Aushchwitz? O arquivo e a testemunha* (pp. 09-21). Boitempo.
- Gagnebin, J.M. (2009). Lembrar, escrever, esquecer. 34 (2ª ed.).
- Gagnebin, J.M. (2022). Primo Levi: razão, narração, lacunas. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (153-164). PUC-Rio.

- Gallo, S. (2016). *Filosofia: experiência do pensamento* (2a ed.). Scipione.
- Garcia-Roza, L.A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana: sobre as afasias (1891): o projeto de 1895* (Vol. 1). Zahar.
- Garcia-Roza, L.A. (1993). *Introdução à metapsicologia freudiana: a interpretação dos sonhos (1900)* (Vol. 2). Zahar.
- Gomes, P. (2014). A Partilha do Sensível: Rancière J. 34, 2009  
ISBN: 8573263210. *Revista Brasileira de Bioética*, 10(1-4), 106–109.  
<https://doi.org/10.26512/rbb.v10i1-4.7703>
- Gondar, J. (2020). Prefácio. In D. F. Antonello, *Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho*. Appris.
- Guimarães, V.C. & Celes, L.A.M. (2007, jul.-set.). O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. *Psicologia, teoria e pesquisa*, 23(3), 341-346. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300014>
- Hanns, L.A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Imago.
- Hartmann, S. (2015, out.). Walter Benjamin e Paul Ricoeur: narração e experiência por vir. *Cadernos Benjaminianos*, 9, 13-23. <http://dx.doi.org/10.17851/2179-8478.0.9.13-23>
- Homercher, B.M. (2019) *Do traumático ao viver criativo: narrativas sobre psicanálise e Primo Levi*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Franciscana]. UFN.
- Homercher, B.M. & Iensen, S.A.L. (2020, jun.). Do traumático ao viver criativo: narrativas sobre psicanálise e Primo Levi. *Cadernos de Psicanálise*, 42(42), 13-36.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141362952020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141362952020000100002&lng=pt&nrm=iso)

Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. Escuta.

Iannini, G. & Santiago, J. (2020). Prefácio mal-estar: clínica e política. In S. Freud, *Cultura, sociedade, religião, o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 33-63). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.

Iannini, G. & Tavares, P. H. (2021). Para introduzir além do princípio de prazer. In S. Freud, *Além de princípio de prazer*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.

Instituto Antônio Houaiss. (2009). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva.

Jardim, E. (2022). Primo Levi e Hannah Arendt. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (pp. 165-171). PUC-Rio.

Jewish Virtual Library (s.d.). *Sonderkommando Photographs from Auschwitz* (August 1944). <https://www.jewishvirtuallibrary.org/sonderkommando-photographs-from-auschwitz>

Kegler, P. & Macedo M.M.K. (2016, jun.). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo psicanalítico*, 48(1), 171-190.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010148382016000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382016000100011&lng=pt&nrm=iso)

Klautau, P. & Winograd, M. (2013). Dos sonhos traumáticos ao sonhar analítico. *Cadernos de psicanálise*, 35(29), 41-55.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141362952013000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141362952013000200003&lng=pt&tlng=pt)

Kon, N.M. (2014). *Freud e Seu Duplo: Reflexões Entre Psicanálise e Arte* (2a ed.). EDUSP.

- Komarchesqui, B. (2022, 23 abr.). *Guerra na Ucrânia não é a única: conheça outros conflitos em andamento no mundo*. Gazeta do Povo.  
<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/guerra-na-ucrania-nao-e-a-unica-conheca-outros-conflitos-em-andamento-no-mundo/>
- Kupermann, D. Apresentação da Segunda Edição: Somos Todos Doutores-Poetas. In Kon, N. M. (2014). *Freud e Seu Duplo: Reflexões Entre Psicanálise e Arte* (2a ed.) (pp. 11-17). EDUSP.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.B. (2022). *Vocabulário de Psicanálise* (5a ed.). Martins Fontes.
- Leitão, D.F.G. (2012). *Julgamento e identidade nacional: contribuições políticas dos Julgamentos de Adolf Eichmann (1960-1962) e John “Ivan” Demjanjuk (1988-1993) para a construção da identidade israelense*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ.  
[https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=38-julgamento-e-identidade-nacional-contribuicoes-politicas-dos-julgamentos-de-adolf-eichmann-1960-1962-e-john-ivan-demjanjuk-1988-1993-para-a-construcao-da-identidade-israelense&category\\_slug=dissertacoes&Itemid=155](https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=38-julgamento-e-identidade-nacional-contribuicoes-politicas-dos-julgamentos-de-adolf-eichmann-1960-1962-e-john-ivan-demjanjuk-1988-1993-para-a-construcao-da-identidade-israelense&category_slug=dissertacoes&Itemid=155)
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rocco. Publicado originalmente em 1947.
- Levi, P. (2010). *A trégua*. Companhia das Letras. Publicado originalmente em 1963.
- Levi, P. (2016). *Os afogados e os sobreviventes* (3a ed.). Paz & Terra. Publicado originalmente em 1986.
- Levi, P. (2019). *Mil sóis: poemas escolhidos: Primo Levi*. Todavia.
- Macêdo, L.F. de. (2014). *Primo Levi: a escrita do trauma*. Subversos.

- Macedo, M.M.K.; Dockhorn, C.N. de B.F.; Fensterseifer, L.; Campos, C.B. de. & Mohr, A. (2015). *Narcisismo: o singular processo de construção de si mesmo*. In M.M.K. Macedo (org.). (2015). *Neurose: leituras psicanalíticas* (pp. 125-142). Edipucrs.
- Macedo, M.M.K; Werlang, B.S.G. & Dockhorn, C.N. de B.F. (2008). Vorstellung: a questão da representabilidade. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(1), 68-81.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Maciel, C.P.R. (2016). Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. *Opiniões*, 5(9), 74-80.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2016.124618>
- Machado, F.V. (2013). Subjetivação política e identidade: contribuições de Jacques Rancière para a psicologia política. *Revista Psicologia Política*, 13(27), 261-280.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519549X2013000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2013000200005&lng=pt&tlng=pt)
- Marquez, W. (2020, 22 de nov.). 75 anos dos julgamentos de Nuremberg: o que exames psicológicos revelaram sobre nazistas? *BBC News Mundo*,  
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55035660>
- Martinez, C. (2021, maio). Identidade, identificação e segregação: linchamentos virtuais e a Cultura do Cancelamento. *Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, 13(2), 77-94.  
<https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/56340>
- Meneses, R.D.B. de. (2013, jun.). A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. *Universitas philosophica*, 30(60), 177-204.  
[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S012053232013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012053232013000100009&lng=en&nrm=iso)

- Moraes, E.G. & Macedo, M.M.K. (2011). *Vivência de indiferença: trauma ao ato-dor*. Casa do Psicólogo.
- Moreira, J. de O.; Oliveira, N.A.; Costa, E. (2018) A. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. *Tempo psicanalítico*, 50, 119-142.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010148382018000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382018000200007)
- Nestrovski A. & Seligmann-Silva, M. (orgs.). (2000). *Catástrofe e representação*. Escuta.
- Palmquist, H. (2018). *Questões sobre genocídio e etnocídio indígena: a persistência da destruição*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. UFPA.  
<https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es%202018/Dissertacao%20Helena.pdf>
- Paraboni, P. (2016). A dor psíquica à dor física: destino do excesso pulsional. In M.R. Cardoso (org.). *Excesso e Trauma em Freud: Algumas Figuras* (pp. 63-84). Appris.
- Peres, R.S.; Caropreso, F. & Simanke, R.T. (2015). A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática. *Psicologia Clínica*, 27(1), 161-174. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652015000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100009)
- Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: estética e política* (2a ed.). EXO experimental org.; 34.
- Ribeiro, V. (2022). Diálogo entre Primo Levi e Virginia Woolf: os combatentes do embrutecimento. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (pp. 223-247). PUC-Rio.
- Rocha, M. (2022). “A peste acabou, mas a infecção grassa...”. In R. Lessa & R.K. Bines (orgs.). *Mundos de Levi* (pp. 173-221). PUC-Rio.

- Rodrigues, A.M.M. (2004, maio-dez.). Derrida e as desconstruções. *Leopoldianum – revista de estudos e comunicações*, 81(82), 107-115.  
[https://www.unisantos.br/edul/detalhes.php?ckset=ok&cod=60&categoria=45&tipo\\_material=R](https://www.unisantos.br/edul/detalhes.php?ckset=ok&cod=60&categoria=45&tipo_material=R)
- Salztrager, R. & Herzog, R. (2013). A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(4), 570–583. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400006>
- Seligmann-Silva, M. (1999, jun.). Literatura de testemunho (dossiê). *Cult*.  
<https://fdocumentos.tips/document/dossie-cult-literatura-de-testemunho.html>
- Seligmann-Silva, M. (2000). A história como trauma. In A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva (orgs.). *Catástrofe e representação* (pp. 73-98). Escuta.
- Seligmann-Silva, M. (2003a). Apresentação da questão: A literatura do trauma. In M. Seligmann-Silva (org.) (2003). *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes* (pp. 45-58). Editora da Unicamp.
- Seligmann-Silva, M. (2003b). Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In M. Seligmann-Silva (org.) (2003). *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes* (pp. 59-88). Editora da Unicamp.
- Seligmann-Silva, M. (2005). O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 34.
- Simões, R.B.S. (2017). Psicanálise e literatura: o texto como sintoma. *Analytica*, 6(11), 159-179. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2316-51972017000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-51972017000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
- Souza, F de. (2023, 14 out.). *O que é a Faixa de Gaza? Entenda o que é o território motivo de disputa entre Israel e Hamas*. CNN Brasil.

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-a-faixa-de-gaza-entenda-o-que-e-o-territorio-motivo-de-disputa-entre-israel-e-hamas/>

- Tavares, P. H. (2014). Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*. In S. Freud, *As pulsões e seus destinos* (pp. 73-90). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.
- Uchitel, M. (2011). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma* (3a ed.). Casa do Psicólogo.
- United States Holocaust Memorial Museum (USHMM) (2021, jul.). SS and Police. *Holocaust Encyclopedia*. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/ss-and-police>
- Valente, J.L. (2015, maio-ago.). O escopo do crime de genocídio: considerações epistemológicas sobre os massacres. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 7(2), 244-260.  
<https://doi.org/10.15175/1984-2503-20157202>
- Vezyan, S. (2009). *Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e Consequências*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. USP.  
<https://doi.org/10.11606/T.47.2009.tde-16122009-082827>
- Vilaça, G.M. (2019). *A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana* [Monografia de Especialização, Universidade Federal de Minas Gerais]. UFMG.  
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32225/1/A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20conceito%20de%20ego%20da%20segunda%20t%C3%B3pica%20freudiana.pdf>
- Wikinski, M. (2021). *O trabalho da testemunha: testemunho e experiência traumática* (2a ed.) Annablume.
- Wojcik, N. (2019, 31 jul.). Primo Levi, os 100 anos de uma testemunha do holocausto. *Deutsche Welle*. <https://www.dw.com/pt-br/primo-levi-os-100-anos-de-uma-testemunha-do-holocausto/a-49816303>